

A Coleção de Formicidae do Centro de Pesquisas do Cacau (CPDC), Ilhéus, Bahia, Brasil

The Formicidae Collection of the Cocoa Research Center (CPDC), Ilhéus, Bahia, Brazil

Jacques H. C. Delabie^{1, II} | Esperidião A. Santos-Neto^{1, II} | Muriel L. Oliveira^{1, II} |
Priscila S. Silva^{1, II} | Roberta J. Santos^{1, II} | Bianca Caitano^{1, II} | Cléa S. F. Mariano^{1, II} |
Alexandre Arnhold^{1, III} | Elmo B. A. Koch^{1, II}

¹Centro de Pesquisas do Cacau. Convênio UESC/CEPLAC. Itabuna, Bahia, Brasil

^{II}Universidade Estadual de Santa Cruz. Ilhéus, Bahia, Brasil

^{III}Universidade Federal do Sul da Bahia. Ilhéus, Bahia, Brasil

Resumo: Criada em 1990, a Coleção de Formicidae do Centro de Pesquisas do Cacau (CPDC) conta atualmente com cerca de 500.000 espécimes, em geral montados a seco, correspondendo a aproximadamente 4.000 espécies nominais e morfoespécies. Além da coleção geral, existe uma pequena coleção de tipos e uma biblioteca de pesquisa no âmbito do Laboratório de Mirmecologia. O laboratório é multi-institucional e a curadoria da CPDC está hoje dividida entre J.H.C. Delabie (Centro de Pesquisas do Cacau/Comissão Executiva de Plano da Lavoura Cacaueira – CEPEC/CEPLAC e Universidade Estadual Santa Cruz - UESC) e A. Arnhold (Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB). O bioma Mata Atlântica, sobretudo da Bahia e do Espírito Santo, está particularmente bem representado, com séries de amostras provenientes de florestas, manguezais, cacauais, sistemas agroflorestais, pastagens e outros cultivos regionais. A coleção contribui também na conservação de muito material biológico brasileiro da região amazônica, do Cerrado, da Caatinga e de outros países da região neotropical, assim como de outras regiões biogeográficas. A dinâmica de incorporação do material biológico na coleção é detalhada ao longo do texto, assim como as perspectivas de desenvolvimento das futuras ações previstas em torno da Coleção CPDC, em parcerias com a UESC e a UFSB.

Palavras-chave: Taxonomia. Biodiversidade. Biomas. Regiões biogeográficas. Mata Atlântica.

Abstract: Instituted in 1990, the Formicidae Collection of the Cocoa Research Center (CPDC) has currently about 500,000 specimens, usually dry mounted, corresponding to about 4,000 nominal species and morphospecies. In addition to the general collection, there is a small collection of types and a research library within the scope of the Laboratory of Myrmecology. This laboratory being multi-institutional, the curatorship of the CPDC is currently divided between J.H.C. Delabie (CEPEC-CEPLAC and UESC) and A. Arnhold (UFSB). The Atlantic Forest biome, especially from Bahia and Espírito Santo, is particularly well represented, with series of samples from forests, mangroves, cacao, agroforestry systems, pastures and other regional crops. The collection also conserves a lot of Brazilian biological material from Amazon, Cerrado, Caatinga, and from other countries in the Neotropical Region, as well as from other Biogeographic Regions. The dynamics of incorporating biological material into the collection is detailed in the text, as well as the prospects for the development of further actions planned around the CPDC Collection, in partnership with the State University Santa Cruz (UESC) and the Federal University of the South of Bahia (UFSB).

Keywords: Taxonomy. Biodiversity. Biomes. Biogeographic regions. Atlantic Forest.

DELABIE, J. H. C., E. A. SANTOS-NETO, M. L. OLIVEIRA, P. S. SILVA, R. J. SANTOS, B. CAITANO, C. S. F. MARIANO, A. ARNHOLD & E. B. A. KOCH, 2020. A Coleção de Formicidae do Centro de Pesquisas do Cacau (CPDC), Ilhéus, Bahia, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais** 15(1): 289-305. DOI: <https://doi.org/10.46357/bcnaturais.v15i1.293>.

Autor para correspondência: Elmo B. A. Koch. Centro de Pesquisas do Cacau. Convênio UESC/CEPLAC. Laboratório de Mirmecologia. Ilhéus, BA, Brasil. CEP 45600-000 (elmoborges@gmail.com).

Recebido em 16/03/2020

Aprovado em 05/04/2020

Responsabilidade editorial: Livia Pires do Prado



INTRODUÇÃO

Atualmente, são conhecidas cerca de 14.000 espécies válidas de formigas, distribuídas em 17 subfamílias, 39 tribos e 337 gêneros (Bolton, 2020). Esta estimativa de diversidade de formigas, assim como acontece com outros organismos, é possível devido ao depósito de material biológico em coleções museológicas, construídas principalmente a partir das colaborações entre instituições e pesquisadores. Os acervos das coleções contribuem com a preservação das informações básicas pelas quais a biodiversidade é reconhecida e localizada, reunindo espécimes que darão suporte a diversos estudos ao longo do tempo, desde que sejam previstas e organizadas as condições de sua conservação (Shaffer *et al.*, 1998; Taddei *et al.*, 1999). Entre os diversos tipos possíveis de coleções (detalhes em de Vivo *et al.*, 2014), as coleções de referência são aquelas que contêm amostras representativas dos organismos que ocorrem (ou já ocorreram) em determinada unidade geográfica, permitindo, assim, a identificação correta dessa biota. Estas coleções não possuem material-tipo, nem séries extensas de uma mesma espécie. Já as coleções sistemáticas são aquelas que podem apresentar espécimes únicos, colônias, lotes, peças anatômicas, ninhos, tocas, fragmentos de tecidos, moldes de espécimes ou de partes anatômicas etc., e frequentemente abrigam também material-tipo sobre o qual está baseada a descrição das espécies. Esse tipo de coleção geralmente é encontrado em museus.

Os diferentes tipos de coleções existentes são utilizados pelos pesquisadores interessados em estudar anatomia ou morfologia, taxonomia, evolução orgânica e relações filogenéticas, biogeografia, macroecologia, bem como quaisquer outros estudos que envolvam os diferentes representantes da biota estudada (de Vivo *et al.*, 2014). Valorizar os museus e as coleções existentes no Brasil é fundamental para o entendimento, a conservação e o futuro das pesquisas sobre biodiversidade.

A COLEÇÃO DE FORMICIDAE DO CPDC

A Coleção de Formicidae do Centro de Pesquisas do Cacau (acrônimo CPDC, segundo Brandão, 2000) é uma das mais importantes coleções de formigas da região neotropical e está abrigada no Laboratório de Mirmecologia deste centro de pesquisa. Esse laboratório é multi-institucional, e sua curadoria está dividida entre J. H. C. Delabie (CEPEC-CEPLAC e UESC) e A. Arnhold (UFSB). Um histórico detalhado da criação e do desenvolvimento da Coleção CPDC já foi publicado alguns anos atrás (Delabie *et al.*, 2007). A seguir, são detalhadas informações gerais atuais a respeito dessa coleção, com o objetivo de apresentar ao público o cenário atual e as perspectivas da CPDC.

Criada em 1990, a Coleção CPDC conta atualmente com cerca de 500.000 espécimes, em geral montados a seco e conservados em gavetas, em armários entomológicos, atribuídos a 16 subfamílias, 220 gêneros (Apêndice) e a uma estimativa de 4.000 táxons (espécies nominais e morfoespécies), identificados sempre que possível em nível de espécie. As subfamílias com maior representatividade em número de gêneros são, respectivamente, Myrmicinae, Formicinae e Ponerinae (Figura 1). Atualmente, na Coleção CPDC, o acervo de espécies está irregularmente organizado, a depender dos grupos biológicos. Por exemplo, o material entomológico que corresponde a alguns gêneros hiperdiversos (como *Pheidole* Westwood, 1839 e *Camponotus* Mayr, 1861) encontra-se parcialmente organizado, com a maioria de espécies morfotipadas e/ou identificadas. No entanto, diversos outros gêneros, como *Solenopsis* Westwood, 1840 ou *Hypoponera* Santschi, 1938, que possuem um abundante material depositado, geralmente apresentam as espécies morfotipadas em cada série, mas sem nenhuma ordenação ou organização das mesmas, necessitando ainda de atenção particular.

A Coleção CPDC conta com uma pequena série de tipos conservados em gavetas separadas: 63 táxons, sendo 12 holótipos (Tabela 1). Estes são representantes das subfamílias Agroecomyrmicinae, Dolichoderinae, Dorylinae, Ectatomminae, Myrmicinae, Ponerinae e

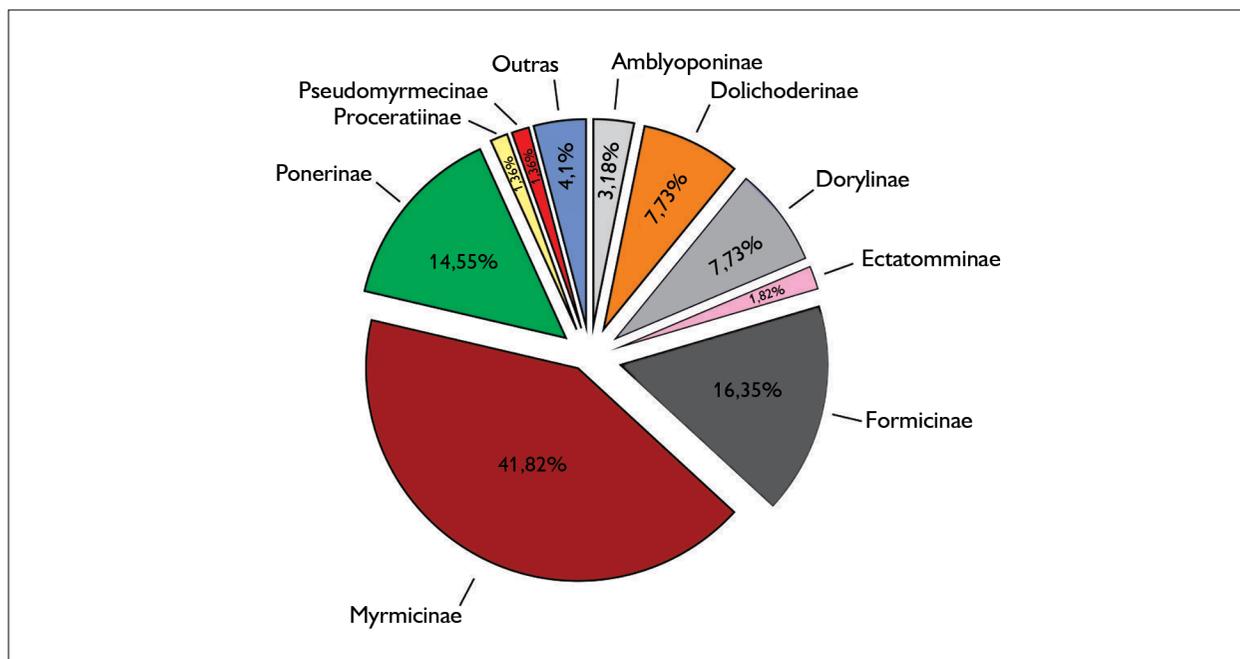


Figura 1. Representatividade dos gêneros encontrados por subfamília de Formicidae na coleção do Laboratório de Mirmecologia do CEPEC/CEPLAC – CPDC. Outras = agrupamento que inclui as subfamílias que apresentam <1% de representatividade cada (Heteroponerinae; Myrmeciinae; Agroecomyrmecinae; Aneuretinae; Apomyrminae; Leptanillinae e Paraponerinae).

Pseudomyrmecinae, e compreendem 37 gêneros. Os gêneros com maior representatividade de tipos na CPDC são, respectivamente, *Azteca* Forel, 1878, *Adelomyrmex* Emery, 1897, *Carebara* Westwood, 1840, *Leptanilloides* Mann, 1923 e *Oxyepoecus* Santschi, 1926 (Tabela 1).

Como já abordado em trabalho anterior (Delabie *et al.*, 2007), de forma a amparar os estudos ligados à Coleção CPDC, o Laboratório de Mirmecologia conta com uma biblioteca de pesquisa, com muitas obras versadas no estudo taxonômico, ecológico ou comportamental das formigas em geral. Atualmente, devido às facilidades oferecidas pela internet (AntBase, AntCat, AntWiki, portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, entre outras), que têm contribuído para uma maior agilidade na busca e obtenção de informações e ferramentas necessárias ao trabalho taxonômico, a biblioteca é relativamente pouco visitada. No entanto, ela conta com coleções de grande interesse em mirmecologia, tais como primeiros números das revistas *Insectes Sociaux*

(1958-1985), *Revista de Entomologia e Studia Entomologica*, além de numerosas obras clássicas ou importantes ligadas à mirmecologia (como muitas publicações originais de B. Bolton, T. Borgmeier, W. L. Brown Jr., W. W. Kempf, W. M. Wheeler, E. O. Wilson e numerosas outras).

A maioria das formigas registradas na coleção vem de expedições e séries de amostragens realizadas no âmbito do laboratório (projetos de alunos de graduação, pós-graduação e dos pesquisadores associados ao laboratório, doações ou parcerias com pesquisadores e instituições de pesquisa). Ao combinar o estudo taxonômico de material biológico amostrado por um pesquisador de outra instituição, se estabelece uma forma de parceria entre um membro da equipe do Laboratório de Mirmecologia, que se torna, em geral, responsável pela montagem e, sobretudo, pela identificação do mesmo. Este trabalho requer tempo, mão de obra e gastos com materiais, e sua organização poderá ser alcançada somente com um longo trabalho de equipe, literalmente um “trabalho de formigas”.

Tabela 1. Material-tipo conservado na Coleção CPDC. Legendas: H = holótipo; P = parátipo; T = topótipo (número de exemplares); nome válido [= nome sob o qual a espécie foi descrita]. (Continua)

Taxa	Número de exemplares
<i>Acanthostichus bentoni</i> MacKay, 1996	P (1)
<i>Acromyrmex fowleri</i> Rabeling, Messer, Lacau & Delabie, 2019	H + P (100)
<i>Adelomyrmex brevispinosus</i> Fernández, 2003 = sinônimo júnior de <i>Adelomyrmex tristani</i> (Menozzi, 1931)	P (1)
<i>Adelomyrmex micans</i> Fernández, 2003	P (1)
<i>Adelomyrmex robustus</i> Fernández, 2003	P (1)
<i>Anochetus hohenbergiae</i> Feitosa & Delabie, 2012	H + P (8)
<i>Apterostigma megacephala</i> Latke, 1999	P (1)
<i>Azteca andreae</i> Guerrero, Delabie & Dejean, 2010	H + P (31)
<i>Azteca diabolica</i> Guerrero, Delabie & Dejean, 2010	H + P (3)
<i>Azteca laurae</i> Guerrero, Delabie & Dejean, 2010	H
<i>Azteca linamariae</i> Guerrero, Delabie & Dejean, 2010	P (1)
<i>Azteca snellingi</i> Guerrero, Delabie & Dejean, 2010	P (6)
<i>Blepharidatta delabiei</i> Brandão, Feitosa & Diniz, 2015	P (1)
<i>Blepharidatta fernandezi</i> Brandão, Feitosa & Diniz, 2015	P (1)
<i>Brachymyrmex delabiei</i> Ortiz & Fernandez, 2014	P (3)
<i>Carebara brasiliiana</i> Fernández, 2004	P (1)
<i>Carebara brevipilosa</i> Fernández, 2004	P (1)
<i>Carebara coeca</i> Fernández, 2004	P (3)
<i>Carebara majeri</i> Fernández, 2004	P (1)
<i>Carebara nuda</i> Fernández, 2004	P (2)
<i>Carebara reticulate</i> Fernández, 2004	P (1)
<i>Carebara semistriata</i> Fernández, 2004 = sinônimo júnior de <i>Carebara reina</i> Fernández, 2004	P (1)
<i>Cephalotes specularis</i> Brandão, Feitosa, Powell & Del-Claro, 2014	P (6)
<i>Cryptomyrmex boltoni</i> (Fernández, 2003) [= <i>Adelomyrmex boltoni</i> Fernández, 2003]	P (19)
<i>Cryptomyrmex longinodus</i> (Fernández & Brandão, 2003) [= <i>Adelomyrmex longinodus</i> Fernández & Brandão, 2003]	P (1)
<i>Cryptopone pauli</i> Fernandes & Delabie, 2019	P (1)
<i>Diaphoromyrma sofiae</i> Fernández, Delabie & Nascimento, 2009	H + P (7)
<i>Dolichoderus validus</i> (Kempf, 1959) [= <i>Monacis validus</i> Kempf, 1959]	P (1)
<i>Ectatomma parasiticum</i> Feitosa & Fresneau, 2008	P (1)
<i>Forelius bahianus</i> Cuzzo, 2000	P (4)
<i>Forelius damiani</i> Guerrero & Fernández, 2008	P (1)



Tabela 1.

(Continua)

<i>Taxa</i>	Número de exemplares
<i>Fulakora agostii</i> (Lacau & Delabie, 2002) [= <i>Amblyopone agostii</i> Lacau & Delabie, 2002]	P (4)
<i>Fulakora cleae</i> (Lacau & Delabie, 2002) [= <i>Amblyopone cleae</i> Lacau & Delabie, 2002]	P (1)
<i>Fulakora heraldoi</i> (Lacau & Delabie, 2002) [= <i>Amblyopone heraldoi</i> Lacau & Delabie, 2002]	P (1)
<i>Kempfidris inusualis</i> (Fernández, 2007) [= <i>Monomorium inusuale</i> Fernández, 2007]	H + P (1)
<i>Lachnomyrmex amazonicus</i> Feitosa & Brandão, 2008	P (1)
<i>Lachnomyrmex longinoi</i> Feitosa & Brandão, 2008	P (1)
<i>Lachnomyrmex nordestinus</i> Feitosa & Brandão, 2008	P (1)
<i>Lenomyrmex mandibularis</i> Fernández & Palacio, 1999	P (1)
<i>Leptanilloides amazona</i> (Brandão, Diniz, Agosti & Delabie, 1999) [= <i>Asphinctanilloides amazona</i> Brandão, Diniz, Agosti & Delabie, 1999]	P (2)
<i>Leptanilloides anae</i> (Brandão, Diniz, Agosti & Delabie, 1999) [= <i>Asphinctanilloides anae</i> Brandão, Diniz, Agosti & Delabie, 1999]	P (1)
<i>Leptanilloides atlantica</i> Silva, Brandão, Feitosa & Freitas, 2013	P (1)
<i>Leptanilloides manaura</i> (Brandão, Diniz, Agosti & Delabie, 1999) [= <i>Asphinctanilloides manaura</i> Brandão, Diniz, Agosti & Delabie, 1999]	P (2)
<i>Monomorium delabiei</i> Fernández, 2007	H
<i>Mycetagroicus cerradensis</i> Brandão & Mayhé-Nunes, 2001	P (8)
<i>Myrcidris epicharis</i> Ward, 1990	P (1)
<i>Neoponera bactronica</i> (Fernandes, Oliveira & Delabie, 2014) [= <i>Pachycondyla bactronica</i> Fernandes, Oliveira & Delabie, 2014]	P (1)
<i>Neoponera billemma</i> (Fernandes, Oliveira & Delabie, 2014) [= <i>Pachycondyla billemma</i> Fernandes, Oliveira & Delabie, 2014]	P (1)
<i>Ochetomyrmex neopolitus</i> Fernández, 2003	P (2)
<i>Oxyepoecus browni</i> Albuquerque & Brandão, 2004	P (1)
<i>Oxyepoecus myops</i> Albuquerque & Brandão, 2009	P (1)
<i>Oxyepoecus regularis</i> Ulysséa & Brandão, 2012	P (3)
<i>Oxyepoecus rosai</i> Albuquerque & Brandão, 2009	P (1)
<i>Pheidole protaxi</i> Oliveira & Lacau, 2015	H + P (4)
<i>Pogonomyrmex inermis</i> Forel, 1914	T (3)
<i>Pogonomyrmex striatinodus</i> Fernández & Palacio, 1998	P (2)
<i>Procryptocerus kempfi</i> Longino & Snelling, 2002	P (1)
<i>Procryptocerus nolini</i> Longino & Snelling, 2002	P (1)
<i>Procryptocerus tortuguero</i> Longino & Snelling, 2002	P (2)



Tabela 1.

(Conclusão)

<i>Taxa</i>	Número de exemplares
<i>Simopelta minima</i> (Brandão, 1989) [= <i>Belonopelta minima</i> Brandão, 1989]	P (1)
<i>Sphinctomyrmex marcoyi</i> Feitosa, Brandão, Fernandez & Delabie, 2011	H
<i>Stegomyrmex olindae</i> Feitosa, Brandão & Diniz, 2008	P (1)
<i>Tatuidris kipasi</i> Lacau & Groc, 2012 = sinônimo júnior de <i>Tatuidris tatusia</i> Brown & Kempf, 1968	H
<i>Tetramorium azcatlontlium</i> Marques, Vásquez-Bolaños & Quesada, 2011	P (1)
<i>Thaumatomyrmex fraxini</i> D'Esquivel & Jahyny, 2017	H + P (24)
<i>Tropidomyrmex elianae</i> Silva, Feitosa, Brandão & Diniz, 2009	P (1)

Em contrapartida ao estudo taxonômico de seu material biológico, espera-se que o solicitante ceda esse material, ou parte relevante do mesmo, para que seja incorporado à coleção. Além disso, uma vez que determinados trabalhos desse tipo, a depender do volume do estudo, se caracterizam como colaborações científicas, espera-se que os eventuais produtos finais (principalmente publicações) traduzam a colaboração estabelecida, e não que essa seja considerada uma mera prestação de serviço.

De maneira geral, formigas dos diversos ecossistemas brasileiros estão conservadas na Coleção CPDC, mas com diferentes graus de representatividade (Tabela 2). Em função da própria localização do Laboratório de Mirmecologia, a representatividade do bioma Mata Atlântica é considerada excelente, sobretudo no que corresponde aos estados da Bahia (com diversidade de material biológico coletado superior a 600 espécies e estima-se maior do que 1.000 espécies) e Espírito Santo (pelo menos a metade norte do estado, em função da distribuição do cultivo do cacauzeiro, principal foco de atenção do Laboratório de Mirmecologia). Nessa mesma região, há amplas séries de amostras provenientes de florestas, manguezais, cacauais, sistemas agrofloretais, pastagens e diferentes cultivos regionais. A coleção conta também com boa representatividade de formigas oriundas de algumas localidades da região amazônica, do Cerrado

e da Caatinga, coletadas principalmente por meio de parcerias estabelecidas.

A quantidade de material biológico de cada estado do Brasil depositado na Coleção CPDC está relacionada com a proximidade geográfica com o Laboratório de Mirmecologia (Tabela 3). Isso é esperado, uma vez que oportunidades de coletas ou de estudos colaborativos entre instituições têm probabilidades maiores de acontecer quando essas são fisicamente próximas. Apesar de o estado da Bahia ser classificado com altíssima representatividade, a região oeste dele, que compreende a região do bioma Cerrado no estado, ainda está representada por baixíssima quantidade de material entomológico. Alguns esforços estão sendo feitos para diminuir essa lacuna, tal como a realização de coletas específicas, previstas em projetos com foco nessa região. Além disso, contamos com parcerias de profissionais distribuídos em todas as regiões do estado e que já foram historicamente vinculados ao Laboratório de Mirmecologia. Hoje, estes profissionais compõem laboratórios em diferentes instituições na Bahia, sendo elas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano), Universidade Católica de Salvador (UCSal), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

Tabela 2. Representatividade da Coleção CPDC em relação às principais formações vegetais do Brasil (estimativas não baseadas em contabilização de espécimes). Legendas: () = nenhum material; * = amostras casuais, muito pouco material; ** = amostras esporádicas com algum material; *** = uma ou mais séries amostrais razoáveis, porém não representativa(s) da formação; **** = boas séries amostrais representativas da formação; ***** = grandes séries amostrais, formação extremamente bem representada.

Formação vegetal	Representatividade
Caatinga	**
Campos Rupestres	*
Campos Sulinos	*
Cerrado	**
Manguezal (Bahia exclusivamente)	****
Floresta Amazônica (Centro)	***
Floresta Amazônica (Norte)	***
Floresta Amazônica (Oeste)	***
Mata Atlântica (floresta ombrófila, metade Norte)	*****
Mata Atlântica (floresta ombrófila, metade Sul)	**
Mata Atlântica (mata de araucárias)	()
Mata Atlântica (mata de cipó)	**
Mata de Cocais	*
Pantanal	**
Restinga (Bahia, Sergipe, Rio Grande do Norte)	***

Tabela 3. Representatividade da Coleção CPDC em relação aos estados da federação do Brasil (estimativas não baseadas em contabilização de espécimes). Legendas: () = nenhum material; * = amostras casuais, muito pouco material; ** = amostras esporádicas com algum material; *** = uma ou mais séries amostrais razoáveis, porém não representativa(s) do estado; **** = boas séries amostrais representativas da diversidade que ocorre no estado; ***** = grandes séries amostrais, estado extremamente bem representado.

Acre	**	Maranhão	**	Rio de Janeiro	**
Alagoas	*	Mato Grosso	*	Rio Grande do Norte	**
Amapá	*	Mato Grosso do Sul	**	Rio Grande do Sul	**
Amazonas	***	Minas Gerais	***	Rondônia	***
Bahia	*****	Pará	***	Roraima	()
Ceará	*	Paraíba	*	Santa Catarina	*
Distrito Federal	**	Paraná	**	São Paulo	***
Espírito Santo	***	Pernambuco	*	Sergipe	***
Goias	*	Piauí	*	Tocantins	*

Por ser uma coleção relativamente recente e de interesse e alcance principalmente regional, a representatividade das regiões biogeográficas do planeta é irregular (Tabela 4), sendo obviamente a região neotropical aquela melhor representada. No entanto, coletas no exterior e doações de material biológico

contribuíram substancialmente com o enriquecimento do acervo da Coleção CPDC. Esse fato abre interessantes perspectivas para estudos comparativos, tanto morfológicos como faunísticos. Uma parte dos espécimes deste acervo foi, inclusive, coletada em regiões desde então modificadas por ações antrópicas. O histórico das

contribuições mais antigas já foi abordado anteriormente (Delabie *et al.*, 2007). Contribuições recentes que foram essenciais para aumentar o número de exemplares e espécies na Coleção CPDC merecem destaque: uma parte substancial do material coletado em ambientes associados à Mata Atlântica da Bahia (Santos *et al.*, 2017; Koch *et al.*, 2019), diferentes estudos das formigas associadas ao cultivo do cacauzeiro (Bahia, Espírito Santo, Pará), diversos estudos sobre a diversidade de Formicidae

em localidades da Amazônia brasileira (Amazonas, Pará, Rondônia), assim como o projeto *Investigating the Biodiversity of Soil and Canopy Arthropods* (IBISCA), no Panamá (Basset *et al.*, 2012) ou na Guiana Francesa pela equipe de Alain Dejean e colaboradores (Franco *et al.*, 2019). Podemos estimar que esses projetos, juntos, contribuíram com mais de 1.200 espécies ou morfoespécies de Formicidae depositadas atualmente no acervo da coleção.

Tabela 4. Representatividade da Coleção CPDC em relação às regiões zoogeográficas mundiais (estimativas não baseadas em contabilização de espécimes). Representatividade: * = pequena série amostral; ** = boa série amostral, porém de uma única localidade ou um único tipo de coleta; *** = boas séries amostrais, em geral de poucas localidades; **** = diversas séries amostrais de qualidade; ***** = numerosas séries amostrais bem distribuídas. A classificação das regiões zoogeográficas foi adaptada de acordo com Wallace (1876) e Holt *et al.* (2012). (Continua)

Região biogeográfica	Países	Representatividade na Coleção CPDC
Australiana		
	Austrália	***
	Papua-Nova Guiné	*
Etiópica		
	África do Sul	*
	Burkina Faso	*
	Costa do Marfim	****
	Ilha da Reunião	***
	Madagascar	*
	Quênia	*
	República de Camarões	**
	República do Congo	*
Neártica		
	Canadá	*
	Estados Unidos	****
Neotropical		
	Argentina	*
	Bolívia	*
	Brasil	*****
	Chile	*
	Colômbia	**
	Costa Rica	**
	Equador	*
	Guiana Francesa	*****
	México	**
	Panamá	****



Tabela 4.

(Conclusão)

Região biogeográfica	Países	Representatividade na Coleção CPDC
	Peru	*
	Uruguai	*
Oriental		
	Bangladesh	*
	Brunei	*
	Camboja	*
	Filipinas	*
	Índia	*
	Indonésia	*
	Malásia	*
	Myanmar	*
	Singapura	*
	Sri Lanka	*
	Tailândia	*
	Taiwan	**
	Vietnã	*
Paleártica		
	Alemanha	*
	Andorra	*
	Croácia	*
	Espanha	*
	França	****
	Grécia	*
	Itália	**
	Jordânia	*
	Montenegro	*
	Portugal	*
Saara-Arábica		
	Iêmen	*
	Ilhas Canárias	*
	Irã	*
	Iraque	*
	Israel	**
	Líbia	*
	Marrocos	*
	Síria	*
Sino-Japonesa		
	China	*
	Japão	**



As principais linhas de pesquisa desenvolvidas no laboratório por seus membros (alunos de graduação, pós-graduação, pesquisadores e colaboradores), ou por meio de parcerias que contribuem com o enriquecimento do acervo mirmecológico da CPDC, são: estrutura das comunidades de formigas arbóricolas ou da serapilheira, desenvolvimento de técnicas de amostragem adaptadas ao estudo das comunidades de formigas, estratificação das assembleias de formigas, controle biológico usando formigas, faunística dos eco- e agrossistemas brasileiros (manguezais, restingas, meio urbano, floresta, cacauais), biogeografia, modelagem preditiva com base no nicho ecológico, amostragem regional sistemática da fauna da serapilheira da Mata Atlântica e dos cacauais da Bahia, fenologia reprodutiva, citogenética de formigas (com ênfase em Ponerinae), diversidade funcional, estudos morfométricos comparativos, investigação sobre táxons crípticos; estratégias de nidificação; bioindicação e sistemática, incluindo a descrição taxonômica de novas espécies cujo material inédito encontra-se na coleção. A adição de novos materiais à coleção está condicionada à prestação de uma série de informações sobre as condições de coleta da espécie (localidade, data, tipo de ambiente, tipo de armadilha etc.), sendo que cada série depositada recebe um número de tombo. Dessa maneira, esse material tem permitido o desenvolvimento de uma gama de produtos derivados, tais como a sugestão de possíveis locais de coleta, bem como a identificação de áreas prioritárias à conservação das espécies.

A Coleção CPDC é sustentada pela colaboração entre pesquisadores e estudantes que desenvolvem seus trabalhos científicos ou acadêmicos. Nesse sentido, a CPDC tem contribuído com o avanço das pesquisas e com o conhecimento sobre a biodiversidade, além de integrar informações fundamentais para a percepção da evolução dos estudos sobre a mirmecofauna no Brasil. Por não se constituir exatamente de coleção museológica, mas como uma ferramenta de trabalho disponível aos usuários do Laboratório de Mirmecologia, o empréstimo externo de

material biológico está limitado. No entanto, o estudo do material biológico conservado na Coleção CPDC faz-se livremente no próprio local e qualquer pesquisador ou estudante que tenha feito o pedido será acolhido, inclusive com a disponibilidade dos equipamentos necessários à pesquisa (como um microscópio binocular Leica M165C®, equipado com o *software* Automontage®, uma vez que a pessoa seja capacitada a usá-lo).

O Laboratório de Mirmecologia do Centro de Pesquisas do Cacau da CEPLAC mantém parcerias essenciais com instituições de ensino superior, tais como a UESC. Essa parceria antiga é explorada por professores e estudantes de graduação e pós-graduação desta universidade e pode ser comprovada pelos produtos (trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, artigos científicos e demais produtos/produções) dos cursos de Biologia e Geografia, assim como dos programas de pós-graduação em Ecologia, Genética e Biologia Molecular e Zoologia. Em 2018, houve início de estreita colaboração com a UFSB, oficializada através de um acordo de cooperação técnica entre esta universidade e a CEPLAC. Esse acordo tem o objetivo de viabilizar o desenvolvimento de pesquisas e outras atividades no laboratório, readequar a sala da coleção e auxiliar na atualização, informatização e manutenção do banco de dados da Coleção CPDC.

Nesse momento, apoiado nessas parcerias, o laboratório tem concentrado esforços para a criação de um banco de dados informatizado sobre o acervo da Coleção CPDC, focalizando as informações disponíveis (identificação, rótulos, bibliografia) sobre: i) tipos conservados na coleção; ii) Dolichoderinae e Ponerinae, uma vez que são as duas subfamílias cujo material conservado na coleção está no momento melhor organizado; iii) Mata Atlântica da Bahia. Nossa pretensão é disponibilizar, em um *website*, a maior quantidade possível dessas e, progressivamente, de outras informações (listas de espécies, distribuição geográfica de espécies, localidades de coletas, séries históricas, imagens de alta

resolução de espécimes identificados, por exemplo). Porém, considerando a quantidade de espécimes disponíveis e de informações a serem compiladas em um grande banco de dados, além das dificuldades financeiras atualmente enfrentadas pelas instituições de ensino e pesquisa no Brasil, estima-se que tudo isso levará algo em torno de cinco anos para ser concluído.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente às seguintes instituições e órgãos de fomento: CEPLAC, UESC, UFSB, CAPES, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB. Agradecemos particularmente a José R. M. dos Santos e José C. S. do Carmo, da CEPLAC, que foram responsáveis por coletar grande parte do material regional hoje depositado na coleção. Finalmente, nosso “muito obrigado” aos numerosos colaboradores, estudantes de graduação ou pós-graduação e profissionais de instituições de pesquisa ou ensino superior, que foram essenciais para a construção do atual acervo da coleção. Como a lista dos mesmos é longa, e que, obrigatoriamente, seria inevitável o esquecimento de diversos nomes, escolhemos por agradecer a todos coletivamente.

REFERÊNCIAS

BASSET, Y., L. CIZEK, P. CUENOUD, R. K. DIDHAM, F. GUILHAUMON, O. MISSA, V. NOVOTNY, F. ØDEGAARD, T. ROSLIN, J. SCHMIDL, A. K. TISHECHKIN, N. N. WINCHESTER, D. W. ROUBIK, H.-P. ABERLENC, J. BAIL, H. BARRIOS, J. R. BRIDLE, G. CASTAÑO-MENESES, B. CORBARA, G. CURLETTI, W. D. DA ROCHA, D. DE BAKKER, J. H. C. DELABIE, A. DEJEAN, L. L. FAGAN, A. FLOREN, R. L. KITCHING, E. MEDIANERO, S. E. MILLER, E. G. DE OLIVEIRA, O. ORIVEL, M. POLLET, M. RAPP, S. P. RIBEIRO, Y. ROISIN, J. B. SCHMIDT, L. SØRENSEN & M. LEPONCE, 2012. Arthropod diversity in a tropical forest. **Science** 338(1481): 1481-1484. DOI: <http://doi.org/10.1126/science.1226727>.

BOLTON, B., 2020. **AntCat**: an online catalog of the ants of the world. Disponível em: http://antcat.org/catalog/429011?include_full_statistics=true. Acesso em: 5 março 2020.

BRANDÃO, C. R. F., 2000. Major regional and type collections of ants (Formicidae) of the World and sources for the identification of ant species. In: D. AGOSTI, J. MAJER, L. E. ALONSO & T. SCHULTZ (Ed.). **Ants: standard methods for measuring and monitoring biodiversity**: 172-185. Smithsonian Institution Press (Biological Diversity Handbook Series), Washington.

DE VIVO, M., L. F. SILVEIRA & F. NASCIMENTO, 2014. Reflexões sobre coleções zoológicas, sua curadoria e a inserção dos Museus na estrutura universitária brasileira. **Arquivos de Zoologia** 45(esp): 105-113. DOI: <http://doi.org/10.11606/issn.2176-7793.v45iespp105-113>.

DELABIE, J. H. C., I. C. NASCIMENTO & S. LACAU, 2007. A coleção de formigas do Centro de Pesquisas do Cacau, CEPEC/CEPLAC, Ilhéus, Bahia, Brasil. **O Biológico, São Paulo** 69(supl. 2): 93-96.

FRANCO, F., N. LADINO, J. H. C. DELABIE, A. DEJEAN, J. ORIVEL, M. FICHAUX, S. GROG, M. LEPONCE & R. M. FEITOSA, 2019. First checklist of the ants (Hymenoptera: Formicidae) of French Guiana. **Zootaxa** 4674(5): 509-543. DOI: <http://doi.org/10.11646/zootaxa.4674.5.2>.

HOLT, B. G., J.-P. LESSARD, M. K. BORREGAARD, S. A. FRITZ, M. B. ARAUJO, D. DIMITROV, P.-H. FABRE, C. H. GRAHAM, G. R. GRAVES, K. A. JONSSON, D. NOGUÉS-BRAVO, Z. WANG, R. J. WHITTAKER, J. FJELDSÁ & C. RAHBEK, 2012. An update of Wallace's zoogeographic regions of the world. **Science** 339(6115): 74-78. DOI: <http://doi.org/10.1126/science.1228282>.

KOCH, E. B. A., J. R. M. SANTOS, I. C. NASCIMENTO & J. H. C. DELABIE, 2019. Comparative evaluation of taxonomic and functional diversities of leaf-litter ants of the Brazilian Atlantic Forest. **Turkish Journal of Zoology** 43: 437-456. DOI: <http://doi.org/10.3906/zoo-1811-7>.

SANTOS, R. J., E. B. A. KOCH, C. M. P. LEITE, T. J. PORTO & J. H. C. DELABIE, 2017. An assessment of leaf-litter and epigaeic ants (Hymenoptera: Formicidae) living in different landscapes of the Atlantic Forest Biome in the State of Bahia, Brazil. **Journal of Insect Biodiversity** 5(19): 1-19. DOI: <http://doi.org/10.12976/jib/2017.5.19>.

SHAFFER, H. B., R. N. FISCHER & C. DAVIDSON, 1998. The role of natural history collections in documenting species declines. **Trends in Ecology & Evolution** 13(1): 27-30. DOI: [http://doi.org/10.1016/S0169-5347\(97\)01177-4](http://doi.org/10.1016/S0169-5347(97)01177-4).

TADDEI, V. A., U. R. MARTINS, M. VIVO & A. R. PERCEQUILLO, 1999. O acervo das coleções zoológicas do Estado de São Paulo. In: M. C. WEY DE BRITO & E. C. A. JOLY (Ed.): **Biodiversidade do estado de São Paulo, Brasil**: 53-67. FAPESP, São Paulo.

WALLACE, A. R., 1876. **The geographical distribution of animals**. Cambridge University Press, Cambridge.

Apêndice. Representatividade dos gêneros encontrados por subfamília de Formicidae na coleção do Laboratório de Mirmecologia do CEPEC/CEPLAC – CPDC. Outras = agrupamento que inclui as subfamílias que apresentam < 1% de representatividade cada (Heteroponerinae; Myrmeciinae; Agroecomyrmecinae; Aneuretinae; Apomyrminae; Leptanilloinae e Paraponerinae). (Continua)

Subfamília	Gênero	
Agroecomyrmecinae Carpenter, 1930	<i>Tatuidris</i> Brown & Kempf, 1968	
Amblyoponinae Forel, 1893	<i>Adetomyrma</i> Ward, 1994	
	<i>Amblyopone</i> Erichson, 1842	
	<i>Fulakora</i> Mann, 1919	
	<i>Mystrium</i> Roger, 1862	
	<i>Onychomyrmex</i> Emery, 1895	
	<i>Prionopelta</i> Mayr, 1866	
	<i>Stigmatomma</i> Roger, 1859	
Aneuretinae Emery, 1913	<i>Aneuretus</i> Emery, 1893	
Apomyrminae Dlussky & Fedoseeva, 1988	<i>Apomyrma</i> Brown, Gotwald & Léviex, 1971	
Dolichoderinae Forel, 1878	<i>Anonychomyrma</i> Donisthorpe, 1947	
	<i>Axinidris</i> Weber, 1941	
	<i>Azteca</i> Forel, 1878	
	<i>Bothriomyrmex</i> Emery, 1869	
	<i>Doleromyrma</i> Forel, 1907	
	<i>Dolichoderus</i> Lund, 1831	
	<i>Dorymyrmex</i> Mayr, 1866	
	<i>Forelius</i> Emery, 1888	
	<i>Froggattella</i> Forel, 1902	
	<i>Gracilidris</i> Wild & Cuzzo, 2006	
	<i>Iridomyrmex</i> Mayr, 1862	
	<i>Leptomymex</i> Mayr, 1862	
	<i>Linepithema</i> Mayr, 1866	
	<i>Liometopum</i> Mayr, 1861	
	<i>Ochetellus</i> Shattuck, 1992	
	<i>Tapinoma</i> Foerster, 1850	
	<i>Technomyrmex</i> Mayr, 1872	
	Dorylinae Leach, 1815	<i>Acanthostichus</i> Mayr, 1887
		<i>Aenictus</i> Shuckard, 1840
<i>Cheliomyrmex</i> Mayr, 1870		
<i>Cylindromyrmex</i> Mayr, 1870		
<i>Dorylus</i> Fabricius, 1793		
<i>Eciton</i> Latreille, 1804		
<i>Labidus</i> Jurine, 1807		
<i>Leptanilloides</i> Mann, 1923		
<i>Lioponera</i> Mayr, 1879		



Apêndice.

(Continua)

Subfamília	Gênero
Dorylinae Leach, 1815	<i>Neivamyrmex</i> Borgmeier, 1940
	<i>Neocerapachys</i> Borowiec, 2016
	<i>Nomamyrmex</i> Borgmeier, 1936
	<i>Ooceraea</i> Roger, 1862
	<i>Parasyrcia</i> Emery, 1882
	<i>Syrcia</i> Roger, 1861
	<i>Sphinctomyrmex</i> Mayr, 1866
	<i>Zasphectus</i> W.M. Wheeler, 1918
Ectatomminae Emery, 1895	<i>Ectatomma</i> Smith, 1858
	<i>Gnamptogenys</i> Roger, 1863
	<i>Rhytidoponera</i> Mayr, 1862
	<i>Typhlomyrmex</i> Mayr, 1862
Formicinae Latreille, 1809	<i>Acanthomyops</i> Fabricius, 1804
	<i>Acropyga</i> Roger, 1862
	<i>Anoplolepis</i> Santschi, 1914
	<i>Aphomyrmex</i> Emery, 1899
	<i>Bajcaridris</i> Agosti, 1994
	<i>Brachymyrmex</i> Mayr, 1868
	<i>Calomyrmex</i> Emery, 1895
	<i>Camponotus</i> Mayr, 1861
	<i>Cataglyphis</i> Foerster, 1850
	<i>Dinomyrmex</i> Ashmead, 1905
	<i>Formica</i> Linnaeus, 1758
	<i>Gigantiops</i> Roger, 1863
	<i>Iberoformica</i> Tinaut, 1990
	<i>Lasiophanes</i> Emery, 1895
	<i>Lasius</i> Fabricius, 1804
	<i>Lepisiota</i> Santschi, 1926
	<i>Liometopum</i> Mayr, 1861
	<i>Melophorus</i> Lubbock, 1883
	<i>Myrmecocystus</i> Wesmael, 1838
	<i>Myrmecorhynchus</i> André, 1896
	<i>Myrmelachista</i> Roger, 1863
	<i>Myrmoteras</i> Forel, 1893
	<i>Notoncus</i> Emery, 1895
	<i>Nylanderia</i> Emery, 1906
	<i>Oecophylla</i> Smith, 1860
	<i>Opisthopsis</i> Dalla Torre, 1893



Apêndice.

(Continua)

Subfamília	Gênero
Formicinae Latreille, 1809	<i>Paratrechina</i> Motschoulsky, 1863
	<i>Petalomyrmex</i> Snelling, 1979
	<i>Plagiolepis</i> Mayr, 1861
	<i>Polyergus</i> Latreille, 1804
	<i>Polyrhachis</i> Smith, 1857
	<i>Prenolepis</i> Mayr, 1861
	<i>Proformica</i> Ruzsky, 1902
	<i>Rossomyrmex</i> Arnoldi, 1928
	<i>Stigmacros</i> Forel, 1905
	<i>Teratomyrmex</i> McAreavey, 1957
Heteroponerinae Bolton, 2003	<i>Acanthoponera</i> Mayr, 1862
	<i>Heteroponera</i> Mayr, 1887
Leptanillinae Emery, 1910	<i>Leptanilla</i> Emery, 1870
Myrmeciinae Emery, 1877	<i>Myrmecia</i> Fabricius, 1804
	<i>Nothomyrmecia</i> Clark, 1934
Myrmicinae Lepeletier de Saint-Fargeau, 1835	<i>Acanthognathus</i> Mayr, 1887
	<i>Acanthomyrmex</i> Emery, 1893
	<i>Acromyrmex</i> Mayr, 1865
	<i>Adelomyrmex</i> Emery, 1897
	<i>Adlerzia</i> Forel, 1902
	<i>Allomerus</i> Mayr, 1878
	<i>Aphaenogaster</i> Mayr, 1853
	<i>Apterostigma</i> Mayr, 1865
	<i>Atopomyrmex</i> André, 1889
	<i>Atta</i> Fabricius, 1804
	<i>Basiceros</i> Schulz, 1906
	<i>Blepharidatta</i> Wheeler, 1915
	<i>Cardiocondyla</i> Emery, 1869
	<i>Carebara</i> Westwood, 1840
	<i>Cataulacus</i> Smith, 1853
	<i>Cephalotes</i> Latreille, 1802
	<i>Colobostruma</i> Wheeler, 1927
	<i>Crematogaster</i> Lund, 1831
	<i>Cryptomyrmex</i> Fernández, 2004
	<i>Cyphoidris</i> Weber, 1952
	<i>Cyphomyrmex</i> Mayr, 1862
	<i>Daceton</i> Perty, 1833
	<i>Diaphoromyrma</i> Fernández, Delabie & Nascimento, 2009



Apêndice.

(Continua)

Subfamília	Gênero
Myrmicinae Lepeletier de Saint-Fargeau, 1835	<i>Epopostruma</i> Forel, 1895
	<i>Eurhopalothrix</i> Brown & Kempf, 1961
	<i>Eutetramorium</i> Emery, 1899
	<i>Formicoxenus</i> Mayr, 1855
	<i>Goniomma</i> Emery, 1895
	<i>Harpagoxenus</i> Forel, 1893
	<i>Hylomyrma</i> Forel, 1912
	<i>Kalathomyrmex</i> Klingenberg & Brandão, 2009
	<i>Kempfidris</i> Fernández, Feitosa & Lattke, 2014
	<i>Lachnomyrmex</i> Wheeler, W.M., 1910
	<i>Lenomyrmex</i> Fernández & Palacio, 1999
	<i>Leptothorax</i> Mayr, 1855
	<i>Lophomyrmex</i> Emery, 1892
	<i>Manica</i> Jurine, 1807
	<i>Mayriella</i> Forel, 1902
	<i>Megalomyrmex</i> Forel, 1885
	<i>Melissotarsus</i> Emery, 1877
	<i>Meranoplus</i> Smith, F., 1853
	<i>Messor</i> Forel, 1890
	<i>Monomorium</i> Mayr, 1855
	<i>Mycetagroicus</i> Brandão & Mayhé-Nunes, 2001
	<i>Mycetarotes</i> Emery, 1913
	<i>Mycetomoellerius</i> Solomon, Rabeling, Sosa-Calvo & Schultz, 2019
	<i>Mycetophylax</i> Emery, 1913
	<i>Mycetosoritis</i> Wheeler, W.M., 1907
	<i>Mycocepurus</i> Forel, 1893
	<i>Myrmecina</i> Curtis, 1829
	<i>Myrmica</i> Latreille, 1804
	<i>Myrmicaria</i> Saunders, 1842
	<i>Myrmicocrypta</i> Smith, 1860
	<i>Nesomyrmex</i> Wheeler, 1910
	<i>Ochetomyrmex</i> Mayr, 1878
	<i>Octostruma</i> Forel, 1912
<i>Oxyepoecus</i> Santschi, 1926	
<i>Oxyopomyrmex</i> André, 1881	
<i>Paratrachymyrmex</i> Solomon, Rabeling, Sosa-Calvo, Lopes, Rodrigues, Vasconcelos, Bacci, Mueller & Schultz, 2019	
<i>Patagonomyrmex</i> Johnson & Moreau, 2016	



Apêndice.

(Continua)

Subfamília	Gênero
Myrmicinae Lepeletier de Saint-Fargeau, 1835	<i>Perissomyrmex</i> Smith, 1947
	<i>Phalacromyrmex</i> Kempf, 1960
	<i>Pheidole</i> Westwood, 1839
	<i>Podomyrma</i> Smith, F., 1859
	<i>Pogonomyrmex</i> Mayr, 1868
	<i>Pristomyrmex</i> Mayr, 1866
	<i>Proatta</i> Forel, 1912
	<i>Procryptocerus</i> Emery, 1887
	<i>Ochetomyrmex</i> Mayr, 1878
	<i>Pseudoatta</i> Gallardo, 1916
	<i>Recurvidris</i> Bolton, 1992
	<i>Rhopalothrix</i> Mayr, 1870
	<i>Rogeria</i> Emery, 1894
	<i>Rostromyrmex</i> Rosciszewski, 1994
	<i>Sericomyrmex</i> Mayr, 1865
	<i>Solenopsis</i> Westwood, 1840
	<i>Stegomyrmex</i> Emery, 1912
	<i>Stenamamma</i> Westwood, 1839
	<i>Strongylognathus</i> Mayr, 1853
	<i>Strumigenys</i> Smith, F., 1860
	<i>Talaridris</i> Weber, 1941
	<i>Temnothorax</i> Mayr, 1861
	<i>Terataner</i> Emery, 1912
	<i>Tetramorium</i> Mayr, 1855
	<i>Ochetomyrmex</i> Mayr, 1878
	<i>Tranopelta</i> Mayr, 1866
	<i>Trichomyrmex</i> Mayr, 1865
	<i>Tropidomyrmex</i> Silva, Feitosa, Brandão & Diniz, 2009
	<i>Veromessor</i> Forel, 1917
	<i>Vollenhovia</i> Mayr, 1865
	<i>Wasmannia</i> Forel, 1893
<i>Xenomyrmex</i> Forel, 1885	
Paraponerinae Emery, 1901	<i>Paraponera</i> Smith, 1858
Ponerinae Lepeletier de Saint-Fargeau, 1835	<i>Anochetus</i> Mayr, 1861
	<i>Asphinctopone</i> Santschi, 1914
	<i>Bothroponera</i> Mayr, 1862
	<i>Brachyponera</i> Emery, 1900
	<i>Centromyrmex</i> Mayr, 1866



Apêndice.

(Conclusão)

Subfamília	Gênero
Ponerinae Lepeletier de Saint-Fargeau, 1835	<i>Cryptopone</i> Emery, 1893
	<i>Diacamma</i> Mayr, 1862
	<i>Dinoponera</i> Roger, 1861
	<i>Euponera</i> Forel, 1891
	<i>Harpegnathos</i> Jerdon, 1851
	<i>Hypoponera</i> Santschi, 1938
	<i>Leptogenys</i> Roger, 1861
	<i>Loboponera</i> Bolton & Brown, 2002
	<i>Mayaponera</i> Schmidt & Shattuck, 2014
	<i>Megaponera</i> Mayr, 1862
	<i>Mesoponera</i> Emery, 1900
	<i>Myopias</i> Roger, 1861
	<i>Neoponera</i> Emery, 1901
	<i>Odontomachus</i> Latreille, 1804
	<i>Odontoponera</i> Mayr, 1862
	<i>Pachycondyla</i> Smith, 1858
	<i>Paltothyreus</i> Mayr, 1862
	<i>Phrynoponera</i> Wheeler, 1920
	<i>Platythyrea</i> Roger, 1863
	<i>Plectroctena</i> Smith, 1858
	<i>Ponera</i> Latreille, 1804
	<i>Psalidomyrmex</i> André, 1890
	<i>Pseudoponera</i> Emery, 1900
	<i>Rasopone</i> Schmidt & Shattuck, 2014
	<i>Simopelta</i> Mann, 1922
	<i>Streblognathus</i> Mayr, 1862
	<i>Thaumatomyrmex</i> Mayr, 1887
Proceratiinae Emery, 1895	<i>Discothyrea</i> Roger, 1863
	<i>Probolomyrmex</i> Mayr, 1901
	<i>Proceratium</i> Roger, 1863
Pseudomyrmecinae Smith, 1952	<i>Myrcidris</i> Ward, 1990
	<i>Pseudomyrmex</i> Wheeler, 1920
	<i>Tetraoponera</i> Smith, 1852



